

ILDIKÓ HAFFNER

A EVOLUÇÃO DA MESÓCLISE*

1. Introdução

O problema da colocação dos clíticos ficou sempre no centro do interesse dos linguistas por várias razões. Primeiramente, partindo do latim, na história das línguas românicas a ordem das palavras modificou-se significativamente, tendo como consequência inevitável a mudança da posição e das regras da posição dos clíticos. A análise da distribuição dos padrões dos clíticos é uma das questões principais que surgiu na linguística diacrónica: quais são as propriedades sintácticas que distinguem as gramáticas das diferentes variedades neste aspecto?

Os clíticos, como partículas pequenas da língua, começaram ser dependentes do verbo, um fenómeno já estudado no século XIX. por Wackernagel¹ e Meyer-Lübke². Não só se trata da adjunção ao verbo, mas um certo processo da morfologização começou também, transformando os clíticos em afixos sem independência nenhuma. As diferentes línguas apresentam diferentes fases desse processo.

No que se refere ao português e espanhol medieval, a ordem dos clíticos apresenta três variantes distintas:

cl-V :	clítico em posição pré-verbal	- próclise;
V-cl:	clítico em posição pós-verbal	- ênclise;
V-cl-des.:	clítico em posição intraverbal	- mesóclise.

Neste artigo trata-se do padrão especial: da mesóclise e do caminho que o português e o espanhol percorrem no sentido da mudança. Descrever-se-ão os factores que condicionam a colocação dos clíticos nas frases finitas nas variedades medievais do português e do espanhol, confrontando os resultados com os que se obtiveram nas versões portuguesas e espanholas de Gil Vicente, um representante da linguagem do século XVI, considerado como um período de transição para o português e o espanhol moderno. É a partir de 1500 que as regras do português e o do espanhol antigos já não são válidas e pouco a pouco novos paradigmas definem o uso da língua. Porém, as

* A pesquisa que se publica neste artigo forma parte do projecto intitulado *Morfosintaxe histórica do verbo nas línguas românicas da Península Ibérica* financiado pelo Fondo Nacional para a Pesquisa Científica (OTKA, núm. de reg.: K72778).

¹ Jakob WACKERNAGEL, “Über ein Gesetz der indogermanischen Wortstellung”, in: *Indogermanische Forschungen I*, Strassburg, 1892, 333-434.

² Wilhelm Meyer-Lübke, “Zur Stellung der tonlosen Objektpronomina”, in: *Zeitschrift für romanische Philologie*, XXI, 1897, 313-334.

alterações não ocorrem de modo abrupto nas obras, alguns padrões linguísticos do sistema antigo permanecem por algum tempo, no chamado sistema novo.

Depois da introdução, a secção 2 é dedicado à apresentação do fundo histórico da mesóclise, na secção 3, ocupo-me da descrição da mesóclise nas fontes medievais. A secção 4 descreve a evolução dos clíticos com futuro e condicional nos dramas de Gil Vicente, como conclusão e resumo brevemente o caminho percorrido pelas mudanças linguísticas posteriores ao século XVI, a uma diferença marcada entre o português e o espanhol.

2. A origem da mesóclise

A mesóclise tem a sua origem na perífrase verbal em que as formas de futuro e condicional eram ainda analisadas como formas construídas pela forma infinitiva do verbo principal e pelo auxiliar latino *HABERE*/ *haver* e *haber* no presente (futuro) e imperfeito do indicativo (condicional). Ao longo dos séculos, decorre de um fenómeno de reanálise do auxiliar como afixo e o futuro e condicional tornam-se formas sintéticas. Há outras línguas, também, nas quais o ponto de partida das construções de futuro é um conjunto verbal com uma palavra lexical. Em inglês, atesta-se a gramaticalização de *will* ou em grego, a partícula *θα* da construção *θα* + verbo evoluciona do verbo volitivo: *θελω*. Nas línguas românicas, o auxiliar tornou-se um afixo e o futuro já é uma forma sintética.

Além dessa forma, porém, coexiste a perífrase IR + Infinitivo também. No português europeu moderno, a mesóclise dá lugar a esta forma analítica, uma vez que os falantes mostram uma preferência a usar IR + Inf se houver um clítico: *vou fazê-lo* em vez de *fá-lo-ei*.

Roberts e Roussou³ descrevem as três etapas da reanálise de *HABERE* como terminação; porém, há diferenças entre o que ocorreu nos diversos territórios do Império e quanto ao momento da mudança diacrónica.

Primeiro, o verbo *HABERE* foi reanalisado como auxiliar, de forma semelhante ao que ocorreu com o verbo *will* em inglês moderno. A forma sintética do latim foi substituída por uma forma analítica, perifrástica. Depois, o auxiliar *HABERE* foi reanalisado como afixo sintáctico no século III. Durante a terceira etapa da mudança ocorre de um fenómeno de reanálise do afixo sintáctico como afixo lexical e o futuro e condicional tornam-se formas sintéticas. Nos termos generativos isso significa a reanálise dos traços do verbo e a re-introdução do movimento do V (verbo) para T (tempo) no futuro e condicional. Esse passo aconteceu primeiro no francês e occitano e no italiano setentrional. Em espanhol, podemos marcar os séculos XVI-XVII para a mudança, mas o português europeu moderno não concluiu esta mudança.

³ Ian ROBERTS – Anna ROUSSOU, “The History of the Future”, in Lightfoot, D. (ed), *Proceedings of the Sixth Diachronic Generative Syntax Conference*, Oxford, University Press, Oxford/New York, 2002. 37.

Benveniste⁴ chama a atenção para a primeira ocorrência dessa configuração. O autor encontra exemplos a partir do século III nos textos cristianos, escritos por Tertuliano e outros teólogos. Restabelecendo as condições do primeiro uso o primeiro uso perifrástico do infinitivo + *HABERE*, Benveniste faz as observações seguintes:

1. A perífrase começou com *HABERE* + o infinitivo passivo
2. Foi usado primeiro com *HABERE* em imperfeito
3. Restringia-se às orações subordinadas, sobretudo relativas.

Ao princípio esse foi um uso muito especial, e temos de notar que no início não tinha nenhuma relação com o futuro.

[...] in nationibus a quibus magis suscipi habebat⁵ .

O uso tem um novo e distintivo valor semântico e “tiene por función indicar la predestinación del objeto designado a ser hecho tal.”⁶ Primeiramente, de nenhuma maneira substituiu o futuro antigo, mas pouco a pouco o sentido estendeu-se e os dois futuros coexistiram durante muito tempo por causa das noções distintas que designavam. O futuro latino mostrava intenção: “o que ocorrerá”, já a perífrase nova mostrava “predestinação”: “o que tem de ocorrer”. Mas inevitavelmente as duas noções se confundiram e, por causa das confusões fonéticas do futuro com o perfeito (*AMĀBIT* ~ *AMĀVIT*) e dualidade de formas (-bo/ -am), o futuro original debilitou-se, tendo sido foi substituído pela perífrase que pouco a pouco mostrou uma expansão para novos contextos: intransitivos activos e verbos deponentes. Para o século VII, a perífrase já tinha um sentido claro de futuro.

et quod sum, essere abetis (Tekavčić 1980, 237)

Iustinianus dicebat: “Daras”. (Fredegário, século VII, apud Roberts & Roussou, 40.)

Tekavčić⁷ dá as formas correspondentes de *HABERE* para este segundo contexto: *a(i)o*, *as*, *a(t)*, *(av)emo*, *(av)ete(s)*, *an(t)*.

Cabe ressaltar que a fusão dos dois membros causa o desaparecimento do “h” inicial, a segunda pessoa já foi reduzida para “as” e a sílaba “av” já está eliminada. É interessante notar que a reanálise do futuro e do condicional permitiu uma divisão lexical também que resultou na perda do sentido possessivo de *HABERE* na Península Ibérica. Porém, em francês e italiano este sentido sobreviveu. Nas construções perfectivas aconteceu a mesma coisa, as versões modernas do português

⁴ Émile BENVENISTE, *Problemas de Lingüística General*, Editorial SIGLO XXI, EDITORES, 1977. 135.

⁵ Émile BENVENISTE, “Mutations of Linguistic Categories”, in: Y Malkiel–W. P. Lehmann (eds): *Directions for historical linguistics*, University of Texas Press, Austin and London, 1968, 83-94.

⁶ *Ibidem*, 136.

⁷ Pavao TEKAVČIĆ, *Grammatica storica dell’Italiano*. Il Mulino, Bologna. 1980, 236.

usam as palavras derivadas de *TENERE* respectivamente, embora, exemplos atestam ainda o uso antigo na língua quinhentista, por exemplo na obra de Gil Vicente, dramaturgo do século XVI.

Devisa de Coimbra (linha 461) Heme aqui
Viuvo (linha 208) gran envidia te he compadre⁸

Roberts e Roussou (op. cit.) argumentam que a reanálise do auxiliar a um afixo acontece por causa da natureza da gramática, ordem de palavras do latim. A ordem não marcada, OV, significa que o núcleo aparece no fim. A mudança da ordem OV para VO aconteceu paralelamente à mudança de V-Aux (o auxiliar seguiu o verbo principal) para a configuração Aux-V (o auxiliar precede o verbo principal). Desta maneira, a configuração V+ *HABERE* teve de ser reanalisada como uma palavra e o auxiliar deixou de funcionar como auxiliar. Este processo foi facilitado pela redução formal do sintagma, como vimos, que o tornou apto para adoptar no paradigma, o lugar do antigo futuro⁹.

Em francês este processo foi rápido, mas nas variantes onde a mesóclise permaneceu, *HABERE* não foi reduzido totalmente a um afixo, e continuou a funcionar como um auxiliar. A reanálise estava bloqueada pela evidência da cliticização.

3. Português e Espanhol Medieval

No espanhol e no português antigo atestam-se próclise ou mesóclise com o futuro e o condicional:

Português antigo

Et estas cousas sobreditas avemos nos, e as outras unde non somos certos, sabelloemos unde avemos foro e carta j e enviarvemos dizer. (Fors de Garvão F. 6v¹⁰)

⁸ José CAMÕES (ed.), *As Obras de Gil Vicente* Vol. I.- Vol. II. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa de Moeda, 2002.

⁹ Para uma perspectiva pormenorizada sobre a evolução do futuro no latim vulgar e nas línguas românicas, veja-se os seguintes artigos: Benjamín GARCÍA HERNÁNDEZ, “El desarrollo de la expresión analítica en latín vulgar”, in: *Revista Española de Lingüística*, 10-2, 1980. 307-330. Bodo MÜLLER. “Das lateinische Futurum und die romanischen Ausdrucksweisen für das futurische Geschehen.” in: *Romanische Forschungen* 76, 1964, 44-97. Paolo VALESIO, “The Romance synthetic future pattern and its first attestations”. in: *Lingua* 20, 1968, 113-161, 279-307. Eugenio. COSERIU, “Sobre el futuro romance”, in: *Estudios de lingüística románica*, Gredos, Madrid, 1977, 15-39. Emilio RIDRUEJO ALONSO: “Sobre el origen de los futuros románicos”, in: *Actas del III Congreso Internacional de Historia de la Lengua Española*, 22-27 de noviembre de 1993/ coord.: Alegría Alonso GONZÁLEZ, Vol. 1, Salamanca 1996, 525-534.

¹⁰ Maria Helena GARVÃO, *Fors de Garvão*. Edição Linguístico, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1992.

Espanhol antigo

mesóclise	e dar vos he grant aver (Libro del caballero Zifar p. 71 ¹¹) dezir lo hedes al rey? (Libro del caballero Zifar, ibid, p. 124) fallar lo ía muy mondo por esta razón, (Libro del caballero Zifar, ibid, p. 78)
próclise:	yo vos guaresçeré de ella (Libro del caballero Zifar, ibid, p. 71)

A mesóclise é uma alternativa à ênclise, e sendo assim, nunca aparece em contextos de próclise categórica, como os exemplos seguintes se atestam.

Negação:

Português antigo	nem o poderã dar doar vemder ne escambar nem outra cousa do dicto emrazamento fazer (Martins, 1994, p. 156 ¹²)
Espanhol antigo	non te fallerçerá ninguna cosa de lo que fuere mester (Libro del caballero Zifar p. 69)

Advérbio/Quantificador/ Interrogação:

Português antigo	Muito me prazeria (Mattos e Silva, 1989, p. 846 ¹³)
Espanhol antigo	Qué me darás? (Fazienda, apud Granberg 1988, 132 ¹⁴)

Foco:

Português antigo	hua verdade vos direy (Ogando, p. 259)
Espanhol antigo	Al señor lo farás (Fazienda, apud Granberg, ibid, 135)

Subordinação:

Português antigo	Ca aquele a poderia saar de sa enfermidade (Mattos e Silva, 1993, p. 850 ¹⁵)
Espanhol antigo	Et dígaes que las fará mucho dalgo et mucho de plazer si foren obedientes (Por, apud Granberg, ibid, 44)

¹¹ Joaquin GONZALEZ MUELA, (ed.), *Libro del caballero Zifar*, Madrid, Castalia, 1982.

¹² Ana Maria MARTINS, *Clíticos na História do Português*, Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 1994.

¹³ Rosa Virgínia MATTOS E SILVA, *Estruturas trecentistas, elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa, Casa de Moeda: Imprensa Nacional, 1989.

¹⁴ Robert GRANBERG, *Object pronoun position in medieval and early modern Spanish*. University Microfilms International, Ann Arbor, Michigan, 1988.

¹⁵ Rosa Virgínia MATTOS E SILVA, *O Português Arcaico*, São Paulo, Contexto, 1993.

4. Os séculos XV e XVI

No tempo de Gil Vicente, a mesóclise é uma opção natural em declínio que aparece mesmo nos textos espanhóis, Juan del Encina, Lucas Fernandez e Bartolomé de Torres Naharro, e nos textos portugueses, de Luís de Camões¹⁶. A baixa ocorrência da mesóclise deve-se ao facto de serem poucas as ocorrências de verbos no futuro e no condicional¹⁷.

AUTOR	TÍTULO	MESÓCLISE	CITA
JUAN DEL ENCINA 1468-1529	Primera Egloga – 1492	1	27 « <i>darleshe de mi monzon</i> »
LUCAS FERNANDEZ 1474?-1542	Auto o Farsa del Nacimiento de Nuestro Senhor Iesu Christo – 1514	2	226 « <i>y dir vos he lo que oy</i> » 360 « <i>Hartarse ha qualquier gañán</i> »
BARTOLOMÉ DE TORRES NAHARRO 1480-1530	Soldadesca – 1517	3	Intr/17 « <i>Y apostalles he el cayado</i> » 2/23 « <i>Daros he una bofetada porque os burléis a placer</i> » 2/80 « <i>Daros han</i> »
LUÍS VAZ DE CAMÕES 1524/1525-1580	Lusíadas Cantos I-IV – 1554-1560	4	I/ 64 « <i>Dar-te-ei Senhor ilustre</i> » II/ 54 « <i>Ser-lhe-á todo o Oceano obediente</i> » III/ 104 « <i>Ver-me-ás dele e do Reino ser privada</i> » VI/ 74 « <i>custar-te-emos contudo dura guerra</i> »

¹⁶ Ildikó HAFFNER, *Mesóclise nas fontes portuguesas e espanholas do século XVI*, Actas do Colóquio Comemorativo dos 30 Anos do Departamento de Português, Budapest, 2008.

¹⁷ Para pormenores sobre a mesóclise no espanhol medieval, veja-se os seguintes artigos: Concepción COMPANY COMPANY, “Los futuros en el español medieval. Sus orígenes y evolución”, in: *Nueva Revista de Filología Hispánica* 34, 1985-86, 48-107. Concepción COMPANY COMPANY–Alfonso MEDINA URREA “Sintaxis motivada pragmáticamente. Futuros analíticos y futuros sintéticos en el español medieval in: *Revista de Filología Española* LXXIX, 1999, 65-100. Concepción COMPANY COMPANY “Sintaxis histórica de la lengua española I.” El Fondo de Cultura Económica, México, 2006, 347-418.

Note-se que o uso é instável no caso do futuro e do condicional: podem aparecer igualmente com próclise em muitos casos, como já foi dito. Em contrapartida, não se encontram exemplos para ênclise por causa da distribuição complementar da ênclise e da mesóclise. No século XVI, tanto no castelhano como no português, também existiu esta distribuição complementar, e as formas do futuro e do condicional só podem ocupar pré-posição ou inter-posição, porque a diferença entre a condição de ênclise e mesóclise já era morfológicamente definida.

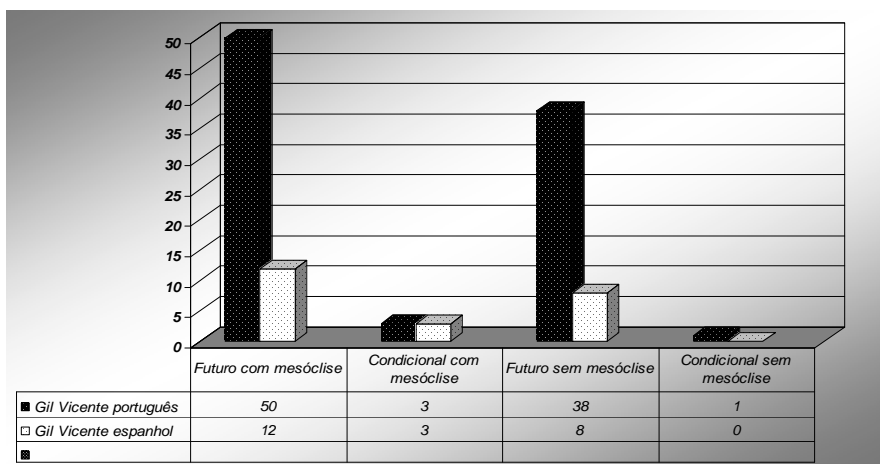
No século XVI, a mesóclise é o padrão usado frequentemente no futuro e no condicional com certa restrição. Nas obras Gil Vicente, a frequência parece relativamente alta comparada aos exemplos mais tardios.

Exemplos dos dramas portugueses:

Auto da Alma	A hóspeda tem graça tanta 372 far- vos -á tantos favores
Auto da Feira	402 Vender- vos -ei nesta feira
Barco do Inferno	248 Dar- vos -ei tanta pancada c'um remo, que arrenegueis. 747 Levá- lo -emos à toa e irá desta barcada.

Exemplos dos dramas espanhóis:

Quatro Tempos	642 sacrificium dar lo hía
Dom Duardos	92 No, mas ver me ha vuestra alteza algún día 432 Iros heis a su hortelano vestido de paños viles
Viúvo	945 Contarte he de mi venida
Amadis de Gaula	Y luego sé que vendrá de noche secretamente 277 y hallarn os ha en fruento 395 Diros he lo que será.



É importante ressaltar aqui os casos com o sujeito. Mesmo se o contexto com o sujeito fosse um padrão variável, o futuro e o condicional mostram uma preferência pela configuração S cl V, como os exemplos abaixo atestam. Nos dramas inteiramente portugueses, encontramos só dois exemplos para a configuração S V-cl:

Auto da Feira	895 Giralda eu achar- vos -ei.
Barca do Purgatório	715 e ela matar- vos -á

Na maioria dos exemplos com mesóclise, não há elemento à esquerda do verbo ou há uma fronteira clara na frase, assim o clítico, por causa de restrição de Tobler-Mussafia, não pode aparecer como primeiro elemento da frase ou oração, e, por isso, temos mesóclise.

Alguns exemplos com S cl V:

Cananeia	649 Eu to direi
Clérigo da Beira	9 Ta mãe ma trosquiará mas eu tornarei aqui 855 e vós me ouvireis falar
Exortação da Guerra	202 Eu vos farei vir a dor
História de Deus	256 eu vos direi que haveis de fazer:

Os demais exemplos de futuro e condicional contêm um proclisador que determina a posição do clítico: Advérbio, quantificador, negação etc. Os exemplos espanhóis sem mesóclise mostram a configuração E cl V ou S cl V com futuro:

E cl V

Cassandra	442 y le traerán presente
Dom Duardos:	466 y le enviaré el clamor mio
Barca da Glória	272 a mi Dios y le diré 594 meus vivit y lo veré
Amadis de Gaula	928 y me diréis como diga

S cl V

Cassandra	340 Yo Moisés te lo diré
Dom Duardos	828 Mi corazón lo diria 1137 Julián lo dirá presto
Barca da Glória	33 yo los porné ante vos 437 la pasión me librará
Viúvo	742 Hermana él se enhadará 916 Dios se acordará de mí

Naturalmente não se atesta mesóclise nas frases com advérbio, foco e proclisadores, como os exemplos mostram:

<u>Foco</u>	Almocreves	Com que forças com que spirito 807 te darei triste louvores
	Barco do Inferno	612 Nestes feitos o vereis
	Barco do Purgatório	587 e eu mesmo te passarei
<u>E</u>	Ressurreição de Cristo	167 ou lhe diria
<u>Adv</u>	Auto da Feira	595 Pardeos tanto me farás 195 Aqui se acharão
	Barco do Inferno	593 Judeu, lá te levarão 174 Cá lh-a darão de marfi
	História de Deus	394 Lá to dirão.
	Pastoril Português	Se atêngas estais 435 muito asinha vos direi
	Serra da Estrela	305 e ali me deixará tanta de maginação

5. Mudança posterior

Em relação à mudança posterior ao século XVI, a mesóclise em português ocorre menos frequentemente com o progressivo aumento da anteposição dos clíticos. A partir do século XVIII a próclise deixa de ser dominante e deste modo, o uso da mesóclise apresenta-se bastante próximo do português actual. Na versão moderna do português há uma distribuição complementar entre ênclise e mesóclise porque a opção é morfologicamente determinada mesmo se os contextos sintácticos forem iguais. Tanto no português brasileiro, como no castelhano, entretanto, esta opção perde-se gradualmente e a próclise torna-se dominante.